

11. A esperança é relação e vocação

No salmo 21, o salmista, a um certo ponto, diz: “Não fiquéis longe de mim, porque padeço; ficai perto, pois não há quem me socorra!” (Sl 21, 12).

O abandono é o afastamento de uma presença na qual confiamos, na qual esperamos. O abandono é uma ausência que permite à angústia encher nosso coração. É uma experiência que toda criança tem desde o nascimento, portanto, uma experiência que é constitutiva para nós, existencial e psicologicamente: há uma presença que, quando se afasta, não é substituída por uma outra presença, mas pela angústia, por um sentimento misterioso que mergulha o coração no espaço do desespero, no espaço do não poder confiar em ninguém, de não poder esperar em ninguém: “padeço” e “não há quem me socorra”.

Poderíamos documentar essa experiência em milhares de passagens das Escrituras, nos salmos, nos patriarcas e profetas, em Jó, e depois também no Novo Testamento, na experiência de São Paulo, dos outros apóstolos. Em seguida, também na vida de todos os santos. Tudo, porém, é recapitulado e concentrado na angústia do Filho de Deus que se sente abandonado pelo Pai.

Mesmo quando Jesus bradou: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46), não podemos deixar de pensar que até mesmo esse brado, aparentemente cheio de paz, foi proferido por Jesus para colocar nas mãos do Pai o seu espírito à mercê da desolação humana. Que espírito, que alma, que coração podia colocar Jesus crucificado nas mãos do Pai, a poucos instantes da morte, senão cheios de senso de abandono?

Mas é exatamente isso que exprime a perfeita esperança de Cristo crucificado, a esperança que se torna para nós redenção de toda nossa angústia e medo, de todo nosso desespero, como aqueles descritos no Salmo 68:

“Salvai-me, ó meu Deus, porque as águas até o meu pescoço já chegaram! Na lama do abismo eu me afundo e não encontro um apoio para os pés. Nestas águas muito profundas vim cair, e as ondas já começam a cobrir-me! À força de gritar, estou cansado; minha garganta já ficou enrouquecida. Os meus olhos já perderam sua luz, de tanto esperar pelo meu Deus!” (Sl 68, 2-4).

O Salmo 68 é apenas um dos exemplos dessa esperança que das profundezas da angústia mortal se eleva como grito a Deus, a um Deus que é “meu Deus”, ou seja, um Deus em relação pessoal conosco. A esperança é um brado que tem somente Deus como salvação.

Isso significa que a esperança não é uma entidade abstrata, uma virtude a ser exercida individualmente. *A esperança é um relacionamento*, é um estar estendido em direção a um abraço, e por isso a esperança para nós é um caminho.

Eu dizia que, para mim, uma das melhores ilustrações artísticas da esperança é o quadro “Primeiros Passos”, de van Gogh, no qual vemos uma criança segurada de pé pela mãe e que, cheia de alegria, estende os braços para o pai que a alguns metros de distância a aguarda de braços abertos. Esta tensão entre a criança e o pai é precisamente a tensão com a qual a esperança deveria preencher nossa vida pessoal

e comunitária. Não nos é pedido que já saibamos caminhar, mas que nos estendamos a alguém que está nos aguardando com amor, mesmo que venhamos a cair, mesmo que tenhamos de atravessar um vale escuro ou um mar tempestuoso.

É como quando Jesus diz a Pedro: “Vem!” para atraí-lo a dar seus “primeiros passos” caminhando sobre o mar, passos sobre a água que são o símbolo do caminho da “esperança contra toda esperança”, da esperança impossível à qual Jesus Cristo chama sempre de novo os apóstolos e toda a Igreja (cf. Mt 14, 29).

Parece que a esperança é imperceptível, parece que na vida ela não desempenhe um papel muito importante. Frequentemente a concebemos como um anseio pelo pós-vida que, porém, passa ao largo da vida que vivemos, das circunstâncias que atravessamos. Em vez disso, é justamente atravessando como uma corrente elétrica a realidade cotidiana que a esperança ilumina nosso caminho e nos ajuda a caminhar em direção ao Destino último e pleno da nossa vida e do mundo.

Essa esperança para nós, para cada batizado, mas especialmente para os consagrados, não é somente necessária à vocação, não é somente necessária para viver a nossa vocação: *a esperança é a nossa vocação*. Como escreve São Paulo aos Efésios: “Sede um só corpo e um só espírito, assim como fostes chamados pela vossa vocação a uma só esperança” (Ef 4, 4).

É como se à esperança fôssemos duplamente chamados: somos chamados à esperança da nossa vocação, chamados à esperança do nosso chamado. O que significa isso senão que a esperança para nós é precisamente aquela tensão invisível, mas poderosa, entre Deus que nos chama e nós que respondemos, como no quadro de van Gogh? Respondemos ao chamado à esperança se em nossa vida e na de nossas comunidades se torna cada vez mais dominante esta tensão entre Deus que nos chama e nós que respondemos.

No quadro de van Gogh, é como se entre o pai que alarga os braços e a criança que deseja alcançá-lo não houvesse mais do que essa tensão entre os dois, cheia de confiança, de amor, de desejo, de alegria. A criança não deseja caminhar, ela ainda não sabe o que significa caminhar: deseja o abraço do pai, e isso a leva a caminhar. Mas, exatamente por causa dessa tensão recíproca que domina seus corações, também toda a realidade ao redor deles, a terra, as plantas verdejantes, a casa, os lençóis estendidos sobre a cerca, o carrinho de mão e a enxada que o pai abandonou para se concentrar em seu filho, o céu e, evidentemente, a mãe que ainda sustenta a criança, mas que também a deixa ir..., tudo tem um sentido, tudo é beleza, tudo é cheio de significado, porque toda a realidade existe para o nosso relacionamento com Deus, toda a realidade existe para que vivamos a nossa tensão de abraçar o Pai, pelo nosso ser feito para Deus, para ir em direção a Ele.